

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i31.826>

PERFORMANCES MASCULINAS EM CENA: o homem público da Princesa do Sertão à luz da imprensa caxiense¹

MALE PERFORMANCES IN SCENE: the public man of Princesa do Sertão in the light of the Caxiense press

PERFORMANCES MASCULINAS EN ESCENA: el hombre público de la Princesa do Sertão a la luz de la prensa caxiense

JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO

Doutor em História Social da Amazônia (UFPA)

Professor da Universidade Estadual do Maranhão

Caxias, Maranhão, Brasil

noskcajzaionnel@gmail.com

Resumo: O presente trabalho buscou problematizar as representações acerca da masculinidade, na cidade de Caxias/MA, à luz da imprensa no contexto da Primeira República. Nesse ínterim, os jornais divulgavam, através de notícias sobre violência, moda, propagandas de remédios e alcoolismo, as diversas performances masculinas que circulavam em Caxias. As representações masculinas eram assim construídas, compreendidas e classificadas entre o ideal e a desordem, em vista das suas práticas. Para discutir essas questões, trabalhei com categorias como gênero e masculinidades abastadas e masculinidades dos segmentos populares, como uma maneira encontrada para compreender, através da imprensa, a composição das representações dos comportamentos dos homens que eram exaltados e os que deveriam ser coibidos no bojo das relações sociais marcadas pela classe social e pela cor.

Palavras-chave: Masculinidade. Imprensa. Cidade. Representação.

Abstract: The present work seeks to problematize the representations on masculinity in the city of Caxias, Maranhão, in light of the press in the context of the First Republic. In the meantime, the newspapers divulged, through news about violence, fashion, drug advertisements and alcoholism, the various male performances circulating in Caxias. Male representations were thus constructed, understood and classified between ideal and disorder in view of their practices. To discuss these issues, I worked with categories such as gender and affluent masculinities versus masculinities of the popular segments so as to understand, through the press, the composition of representations of the behaviors of men who were exalted and those that should be restrained in the midst of social relationships marked by class and color.

Keywords: Masculinity. Press. City. Representation.

Resumen: El presente trabajo buscó problematizar las representaciones sobre la masculinidad en la ciudad de Caxias / MA, a la luz de la prensa en el contexto de la Primera República. En ese rato, los periódicos difundieron, a través de noticias sobre violencia, moda, publicidad de drogas y alcoholismo, las diversas actuaciones masculinas que circulaban en Caxias. Las representaciones masculinas fueron así construidas, entendidas y clasificadas entre el ideal y el desorden en vista de sus prácticas. Para discutir estos temas, trabajé con categorías como género y masculinidades influyentes y masculinidades de los segmentos populares, como una forma de comprender, a través de la prensa, la composición de las representaciones de los comportamientos de los hombres que fueron exaltados y

¹ Artigo submetido à avaliação em agosto de 2020 e aprovado para publicação em dezembro de 2020.

aquellos que deberían ser restringidos en medio de las relaciones sociales marcadas por clase social y color.

Palabras clave: Masculinidad. Prensa. Representación.

Considerações Iniciais

Os homens de hoje

Observação de um philosopho sobre os homens de hoje:

Aos sete anos atiram-se ao prazer do cigarro.

Aos doze, devoram o fructo da primeira ilusão

Aos quinze, quebram meia dúzia de versos dedicados a Marcia.

Aos dezoito, carpinham descrenças e choram ilusões perdidas.

Aos vinte e um negam a existência de Deus.

Aos vinte e cinco, visitam as pharmacias

Aos trinta e cinco, andam com óculos

Aos quarenta sentem a primeira ferroada do rhematismo

Aos quarenta e cinco fazem jus seis palmos no cemitério².

O texto acima não apresenta um autor, mas foi publicado por um jornal que teve circulação efêmera na cidade de Caxias, *o Jornal O Corisco*. Porém, o referido texto apresenta-nos, ao longo da sua estrutura, elementos que dimensionam o nosso entendimento acerca do perfil do homem que se apresenta ao final do século XIX e início do século XX.

Ser homem dentro dos versos que compõem a perspectiva apontada em *Os homens de hoje*, supramencionado, não se diferencia do projeto de criação do homem no seio da sociedade. Deste modo, o nascer homem e tornar-se homem enveredam-se em buscar vivenciar experiências que masculinizem o seu estado, que o tornem viril.

Nos versos acima, por exemplo, traçam aos nossos olhos como se deveria construir a vida de um homem e como cada fase experienciada nortearia a constituir os senhores da sociedade, os sujeitos que deveriam manter a ordem social a partir de princípios.

Sob a perspectiva extraída dos versos de *Os homens de hoje*, o pensamento da condição masculina é construir, ganhar maturidade e saber o quanto foi válido passar por tudo isso. Outro aspecto que sobressai aos nossos olhos é a vida de sofrimento, pois em todas as fases da vida o homem deveria viver de sofrimentos, passar por sofrimento, o que denota uma masculinização do sujeito.

Deve-se salientar que a vida adulta é constituída com a inserção de elementos que masculinizam esse sujeito, a criança, o menino, logo deve se apropriar desses adereços, produtos cujos efeitos atribuem sua masculinização. Segundo Sócrates Nolasco, “[...] a

² JORNAL O CORISCO, anno 1, p. 2, 1 mar. 1895.

valorização de respostas objetivas diante da vida faz com que ele aprenda como deve colocar-se diante das exigências sociais, mantendo frente a elas uma atitude de senhorilidade e força”³.

Nessa perspectiva, evocando o perfil masculino projetado acima, nota-se que é configurado como um homem e voltado para vida pública, em que não se percebe propriamente uma infância, mas um homem que desde os sete anos deveria assumir essa performance de sujeito viril. Segundo Maurice Sartre, o sujeito deveria ser um varão que apresentasse características para além dos aspectos “fisiológicos intatos”, devendo se esforçar para a construção de uma masculinidade dominante, ou seja, “[...] aquela do cidadão que, somente ele, tem acesso ao político [...] mulheres, jovens, crianças, e naturalmente, estrangeiros e escravos não podem estar senão ao serviço do único grupo dominante, os homens adultos”⁴.

Todavia, o desejo da masculinização desse menino, desde a infância, não eximia o mesmo de vivenciar, logo após essa fase, o perfil do homem romântico, do jovem romântico, visto que, como é apresentado no verso acima, aos quinze anos os amores chegam na vida do moço, denotando práticas romanescas às quais ele utilizaria para conquistar o amor, o corpo da moça que ocupava os seus pensamentos.

Nesse sentido, Marcia Amantino considera que se tornar homem é assumir um comportamento que esteja de acordo com o “[...] espírito de um tempo, é um aprendizado social, implementado por diferentes agências sociais, algo relacionado não só a dimensões culturais, como também à economia e à política[...]”⁵. O que denota, nesse caso, que os homens tinham fases no processo de formação, mas eles deveriam ter objetivos claros, quanto à sua formação e ação no espaço público em que estavam inseridos. A autora também fala que tais práticas eram uma forma de comungar com o projeto nacional do país que buscava imprimir uma identidade nacional.

É preciso considerar que as fases dos homens são vividas por eles, porém são vigiadas por códigos de comportamentos, pelos quais esses homens não podiam deixar-se desvirilizar mediante suas práticas. Em via desta questão, Sócrates Nolasco aponta:

A vida adulta de um homem se desenvolve por entre contínuos desdobramentos de

³ NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 47.

⁴ SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: COURBIN, Alain et al. *História da virilidade: a invenção da virilidade: da antiguidade às luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013. v.1, p. 69.

⁵ MELO, Victor Andrade de. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). In: MANTINO, Márcia; DEL PRIORE, Mary (org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora: Unesp, 2013. p. 147.

tensões. Sob a forma de exigência social, a tensão, agora incorporada pelo homem adulto, faz com que entre homens, principalmente no trabalho, seja criado um “olhar institucionalizado”, segundo o qual eles se perfilarão e procurarão, cada vez mais, seguir o que a norma social define ⁶.

Nesse contexto, as feições de homens maduros, capazes de solucionar os problemas com presteza e altivez, chegariam com o passar do tempo; os sinais, nesse caso, seriam dados pela maneira como esse corpo iria amadurecer. As dores do corpo davam respostas do tempo vivido, mas apresentavam sinais da experiência adquirida por esse indivíduo, principalmente, nos espaços públicos.

Todavia, ainda à luz das reflexões de Nolasco, é perceptível que o corpo do homem deveria, juntamente com um rol de projetos e sentimentos, assumir atitudes de homem, ser modelo desde a sua infância, assim “[...] para alcançar o reconhecimento no trabalho um homem deverá assumir comportamentos e valores definidos a priori para ele”⁷.

Assim sendo, o homem e o mundo do trabalho são dois pontos para se pensar a relação da exaltação da masculinidade e, mais ainda, para buscar entender como se projetam a imagem da figura masculina e funcionalidade social. Uma vez que no mundo do trabalho as faces estão e sempre estiveram marcadas por barbas, rostos com as mais diversas tonalidades, formas e formatos que marcam a cena pública. O homem e o espaço público tornaram-se íntimos, tornaram-se um só.

Nesse compasso, a imagem masculina, desde que baseada nos princípios da masculinidade ideal, poderia circular livremente pelos logradouros públicos. Porém, sua performance deveria ser pensada, principalmente durante o século XIX e início do XX, como uma imagem que representasse poder, autoridade, pois mesmo com as mudanças ocorrendo em termos de modernidade no campo citadino, por exemplo, um elemento que não poderia deixar de existir, dentro da performática, é a imagem de homem sábio, com poder de decisão, e com proatividade dentro do cenário do mundo público.

Considerando tais colocações, a premiação do homem para o espaço público, como um lugar dele, instituiu domínios de atuação, maneiras de apresentar-se e falar. Nesse sentido, a efetivação da figura masculina, no cenário público, imprimiu à cena pública códigos, instituiu regras, constituiu uma identidade masculinizada aos locais, aos lugares, revelando o nível de poder da imagem do homem no espaço público.

Nesse ínterim, o cenário masculino, o espaço público, configurou-se como sendo pertencente ao homem e apenas a ele, tanto que ao pensarmos em lugares masculinos, temos o

⁶ NOLASCO, op. cit., p. 59.

⁷ Ibid., p. 59.

próprio bar, taverna e outros espaços que foram sendo demarcados como lugares masculinos, de posse masculina, onde suas marcas e performances de homem poderiam e podem ser percebidas entre os homens e reforçadas por eles.

Desse modo, debruçar-nos-emos em buscar capturar, no contexto da primeira República caxiense, como o espaço público efetiva-se enquanto ambiente público masculino. Nesse compasso, buscaremos entender a dinâmica desses espaços a partir das determinações e significações corporificadas nos lugares públicos que representaram à luz da ação do homem caxiense.

Sendo assim, o mundo do trabalho será um dos caminhos em que lançaremos o nosso olhar para fazer captura dessas imagens masculinas e como elas apresentaram um homem em tempos republicanos e suas marcas, enquanto homem público, detentor do direito de atuar no mundo dito e entendido como público. Em vista dessa questão, o espaço público tornou-se palco da figura masculina, mas essa maneira de entender o espaço público como seu, como sendo proprietário desse lugar de todos, fez com que se criasse uma intimidade nesse espaço.

O cenário político tornou-se um espaço em que a força e vitalidade do homem deveriam se fazer presente, principalmente, por se tratar do conceito em que ideias de mudanças e transformações deveriam ocorrer a partir da ação política. A vida pública deveria, dessa forma, ser ocupada pelos homens, ditos honrados, e que estivessem, desde seu nascimento, comprometidos com os seus ideais de sujeitos cujos objetivos estivessem voltados para ressaltar sua honradez enquanto um homem social⁸.

Nesta perspectiva, o homem caxiense encontra-se, então, presente nos mais diversos cargos públicos, como maneira de dar ordenamento à cidade. Uma ótica pensada como mecanismo que vigora como uma característica comum a esse indivíduo, pois dentro das bases de compreensão que evidenciam as funções do homem, que vão além do espaço da casa, tais funções destinariam como sendo as mais efetivas para o homem desempenhar.

Nesse compasso, os jornais caxienses também apresentavam em suas páginas comportamentos de homens pertencentes a outros estados do Brasil e, nesse caso, evidenciando as qualidades e como essas se destacavam dentro da cena social e política. Nessa esteira de considerações, nota-se que os comportamentos apresentados serviam como

⁸ O conceito de honra pode ser reconhecido como um dos conceitos clássicos da teoria social, fundamental para a apreensão de determinados sistemas sociais. O conceito em jogo, às vezes, parece ser tão abrangente que não conseguimos apreender a sua acepção, ficando a sensação de que a honra pode tanto conter de tudo um pouco, quanto parecer oca. GROSSO, Carlos Eduardo Millen. *Cotidiano do amor em Porto Alegre: disputas sobre honra, sexualidade e relações afetivas nos processos de defloração (1890- 1922)*. 2014. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa, Florianópolis, 2014. p. 32.

modelo para inspirar outros homens a seguirem os mesmos passos efetivados em suas carreiras no cenário político.

Pensando por essa via, Christopher Forth aponta-nos que “[...] a população adulta é mais frequentemente concebida, por analogia, como sinônimo da ‘nação’, então, as transformações nas práticas e nos ideais dominantes de gênero afetam necessariamente a maneira como é percebido o corpo político”⁹.

Como exemplo dessa realidade, podemos citar o caso de José Eusebio, um caxiense, pertencente à elite de Caxias, tomado como modelo de homem cujas práticas são exaltadas pelo *Jornal Gazeta*, principalmente, por se tratar de um deputado. Segundo as adjetivações do periódico, o deputado é pertencente à geração em que “pouco homem há que tenham sabido conquistar uma reputação tão ‘pura e brilhante’”.

Nesse caso, o deputado, por ocupar um lugar de homem público, já possui status como sujeito apto para desenvolver os “serviços públicos”¹⁰. A personificação do homem comprometido com o serviço público, demonstrado nas palavras do jornal, mostra como era importante para sociedade, nesse contexto da primeira República, imprimir essas qualidades. O que demarcaria a imagem desse homem como um símbolo de integridade para com os demais sujeitos da sociedade, principalmente por ocupar um cargo público. Seguindo essa premissa, o jornal ainda salienta que “dr. José Eusebio, como funcionário, symbolisa a encarnação do dever; como simples particular – distingue-se pelo seu espírito culto e coração bem formado; pelas eminentes qualidades que tornam geralmente bemquista da população em cujo seio convivo”¹¹.

O código do homem público agregar-se-ia em muitos elementos à sua ocupação, cujas bases eram e deveriam ser a expressão do homem de bem, do sujeito exemplo, modelo para os demais. Visto dessa maneira, a identidade política do homem era definida como um ponto de credibilidade em uma masculinidade pública.

Nesse caso, a honra, o nome do homem deveriam ser zelados com o objetivo de mostrar à sociedade caxiense quanto prestígio ele teria diante da sociedade. Assim, quando os homens da cidade de Caxias eram envolvidos em situações que manchavam sua honra, por exemplo, os mesmos direcionavam-se aos principais jornais para apresentar uma resposta que pudesse conceber, dentro da mentalidade cidadina, uma versão que retirasse todos os

⁹ FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a virilidade em crise? século XX-XXI*. V.3. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 3, p. 184.

¹⁰ JORNAL GAZETA CAXIENSE, Caxias, anno 7, n. 59, p. 2, 15 set. 1893.

¹¹ *Ibid.*, p. 2.

pormenores do tal imbróglio. Carlos Alberto Dória fala-nos que isso acontece porque “genericamente, a honra é o valor de uma pessoa inerente à maneira de avaliar sua inserção social, o que depende do amplo *reconhecimento* deste valor ou do *direito ao seu reconhecimento*.”¹²

Desta forma, podemos citar o caso ocorrido com Sebastião Moura, em São José dos Matões-Ma, cujas falácias direcionadas a ele difamavam sua imagem de “bom homem e cidadão de bem” da sociedade caxiense. Assim ele coloca:

Com esta epigrahe publicou o *O Jornal do Commercio*, de Caxias, uma local contra mim sobre factos que, certamente, não podem ficar sem a minha formal contestação. Não é meu objetivo ao traçar estas linhas manter polemica pela imprensa contra o indivíduo que procurou manchar minha reputação, e que aqui é conhecido como criminoso de morte. E’ em atenção ao publico em relação ao jornal que publicou a referida local que venho, hoje, relatar os alvos que me atirou esse indivíduo desclassificado e sem reputação. A minha vida é de todos conhecida em Matões, em cujo município resido e nunca pratiquei acto algum que merecesse censura de pessoas sensatas. O facto, porém, que levou o bandido informante a fazer essas declarações é tao simples que em poucas palavras vou resumil-o: sendo eu possuidor de terras neste município, há longos anos, fui forçado a mandar derribar a cerca de uma roça que o referido indivíduo que acode pelo nome José Ignacio da Silva mandou fazer nas terras a mim pertencentes. Como legitimo dono dessas terras não podia consentir que os meus direitos fossem lesados. Agi, portante em defesa dos meus próprios interesses. Agora si, o tal individuo, julgar-se com direito a possa-se como quer, dessas terras, o caminho mais curto e certo é provar em Juizo o pretenso direito que lhe assiste. Do contrário, será sempre tido como um limniador. Estarei sempre prompto para rebater as investidas desse typo que vae a imprensa pedir providencias para garantia do que ele nunca possuiu. Outro ponto que é preciso minha refutação: meu irmão cel. Pedro de Moura Sobrinho, delegado de polícia, há mais de um anno acha-se fora do exercício do cargo, e assim está claro que nunca procurei o prestígio dessa autoridade para mandar derribar acerca da roça feita em minhas terras. Pelo individuo aqui é tido sem cotação.

Pela publicação destas linhas responsabilizo-me na forma da lei.

S. José dos Matões, 15 de janeiro de 1917.

Sebastião Moura¹³.

Diante de tal concepção é necessário lembrar que na passagem acima, assim como a honra do homem público, a defesa do seu nome em meio à sociedade tornava-se um elemento de extrema reverência, pois seria, no caso, uma maneira de compreensão acerca do caráter masculino deste indivíduo. Nesse sentido, a honra do homem dar-se-ia em todos os aspectos, ser um homem que tivesse suas contas em dia, ser zeloso dos princípios morais e cristãos e, acima de tudo, cumprir com os seus deveres de cidadão.

¹² DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 2, p. 47-111, 1994. p. 58.

¹³ JORNAL DO COMMERCIO, p. 4, 15 jan. 1917. Grifo nosso.

Tais considerações apontam que “a validação da autoimagem implica, pois, num nexos estreito entre os ideais da sociedade e uma história de vida. Em outros termos, trata-se de uma relação de trocas simbólicas”¹⁴. O que denotaria, para os demais sujeitos, que esse homem era um exemplo para os outros homens.

Em vista desse caso, notamos o quão importante seria o homem manter-se íntegro socialmente, já que era a maneira de conseguir ter o respeito de todos na cidade. A reputação é o fator da honradez masculina, pois, entre tantos aspectos, ser visto como alguém que burla as normas sociais, que descumpra os códigos do cidadão ideal, era entendido como um expressivo fator de vergonha. A honra masculina torna-se uma necessidade que se precisa mostrar, deixar explícita diante da sociedade. O ego masculino deseja, por assim dizer, só andar pelas ruas e ser apontado pelas pessoas como indivíduo correto, pois, caso contrário, ele sente-se envergonhado.

Para Fabíola Rohden, a honra, no seu sentido individual, é o “valor que uma pessoa tem aos seus olhos e aos olhos da sociedade, por meio da conformação a determinadas formas de conduta”¹⁵. Nesse caso, é um orgulho tê-la e, mais ainda, poder reclamar por ela. Mas para ter o direito de fazer isso, esses indivíduos também deveriam possuir condutas e uma reputação para poder possuí-la.

Esses aspectos relacionam-se a outro caso, o de um caxiense, José Guimarães, apresentado como um homem de índole duvidosa, julgado como inqualificável, a partir de uma denúncia anônima publicada pelo *Jornal de Caxias*, no entanto, era de conhecimento geral que José Guimarães não se caracterizava como retratado na publicação. Sabe-se, por outro lado, que a ideia era prejudicar a sua imagem de homem honesto e bom cidadão.

Desta forma, para refutar a representação, o mesmo lança uma resposta para retificar, no imaginário social, sua imagem e bom prestígio. Em face disso, o discurso apresentado, em benefício da dignidade do cidadão em questão, afirmava ser ele um homem honrado e amigo de todos na cidade, principalmente, por ser um comerciante de destaque em Caxias. Assim, o jornal de Caxias destaca a notícia do periódico que fez a publicação da denúncia.

Deparamos no *Federalista* de 30 do mez próximo findo o seguinte escripto que com prazer trasladamos para as nossas colunas, por que nelle se encontra plena confirmação do elevado juizo que a sociedade caxiense, em peso, forma do caracter e qualidades do agredido.

¹⁴ DÓRIA, op. cit., p. 58.

¹⁵ ROHDEN, Fabíola. Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?. *Campos*, v. 7, n. 2, p. 101 - 119, 2006. p. 105.

Sr. Redator – Tendo deparado no jornal *Federalista* nº. 262, com um artigo sob a epigrahe. Prevenção e assinatura. Muitos Caxiense, em que um anonymo procurou marear a reputação de um emérito cidadão residente em Caxias, não pude deixar de, como caxiense, seu amigo e admirador vir protestar contra essa verrina atirada de emboscada a bôa reputação, de que sempre e gosou e gosa, quer em Caxias, quer nesta cidade, esse cidadão digno por certo de acalamento por suas excelentes qualidades que só podem recomendar-o á estima e consideração dos que conhecem e só postos em dúvida por essa vez, pelo articulista, embora certo de que seria seriamente contestado como o é agora por um caxiense que o conhece bem de perto e também á sua victima imbelle, sacrificada a sua paixão ignóbil.

Sirva pois o presente, de um brado contra esse outro milhares das boas reputações, a quem somente, prejudica a verrina com que exhibio-se tão desazadamente.
S. Luiz, 30 de novembro de 1894¹⁶.

Nesse caso, um elemento figurativo da identidade masculina, para manter sua integridade inabalada, visando o bem-estar do espírito masculino, seria a ideia de manter as relações sociais bem equilibradas e a representação do cidadão íntegro garantido.

Nessa perspectiva, a honra era um capital simbólico, ou seja, possuía o sentido de instituir uma distinção social, um respaldo para os demais no espaço da sociedade. O homem deveria ter segurança da sua palavra; palavra essa que deveria ser respeitada, capaz de livrar de toda calúnia e difamação que por ventura viessem a ocorrer com o nome desse homem.

E em razão dessas situações, no contexto da primeira República, existia na imprensa a maneira de buscar salvar-se das calúnias, como também uma arena de combate em nome de apresentar-se no bojo social como um homem íntegro. Nesse sentido, a imprensa torna-se um palco de brigas, sendo um confronto de egos, e em defesa do seu nome, como podemos citar o caso de Francisco Dias Pinto, que veio a público enfrentar, por meio das letras, Anfrizio Urso. Assim ele aponta em carta pública:

Respondendo a teu apreciável artigo de 8 de corrente estampado nas columnas da Gazeta Caxiense, tenho a dizer-te o seguinte: - O publico já é sabedor do depoimento das testemunhas encurraladas no escritório de uma casa comercial do becco do Garapa, e la estudavão a licção, conforme lhe ensinavão.

Um dos teus companheiros, tinham grande força sobre a testemunha Eduviges Vieira, como é publico, e o Athanazio que o diga.

Com a publicação da sentença nada adiantaste devias ter publica a do meritíssimo Desembargador Dr. Jesuino José de Freitas, que era nesse tempo Juiz de Direito, e da decisão d'elle é que se vê o fim da festa.

Acho que tú Urso, e alguns dos teus companheiros ainda não estaes esquecidos da figura miserável que fizeram no segundo processo e, se for preciso lembrar, me cutuquem.

Quanto a altura do teu pedestal a ninguém enganas.

O povo em geral sabe que foste nascido do anel de uma trompa, por lugar muito diverso do que todos os humanos, por tanto é de supor que foste apanhado em algum

¹⁶ JORNAL GAZETA CAXIENSE, Caxias, anno 8, n. 186, p. 2, 18 dez. 1894. Grifo nosso.

monturo e se, como dizem, os defeitos são hereditários, deves ter os mesmo costumes de teu pai.

Se me quiseses exigir explicações do pedacinho que bem comprehendes, não fugirei de dal-as.

Socialmente falando sempre fizeste a figura de lacaio, a tua pelle e de tão má qualidade e a tua lã de urso tão contaminada de moléstias que todo povo tem nojo de ti; só para capacho podes servir, porque só o soldado das botinhas de pode tragar.

Quanto a tua colocação pecuniária, em temo de darei esclarecimentos do teu cazamento e outras muitas notinhas que estou colleccionando, também te mostrarei em occasião oportuna.

Os teus - Alguns amigos lhe assignão, se livrem de lge desenrolar a cauda porque aquelle que menor a tem precisa tel-a a enrolada, em milhares de voltas para que não seja pisada.

Em conclusão, ouve este provérbio muito acertado:

“Quem não deve não teme”

Se te achas em caso idêntico, deixa o anonymato, vem de frente erguida, altaneiro e sob tua única responsabilidade, que estão nos entenderemos melhor, e o publico sensato fará justiça a quem de direito.

Conheço plenamente que (modéstia a parte) desço muito e muito, te solicitando para esse fim, visto que és supinamnete covarde, infamante e caluniador; todavia, meu Urso, quero te metter em brios. Se homem uma única vez.

Até Sabbado.

Caxias, 12 de maio de 1896¹⁷.

Desta forma, em muitos momentos, a imprensa era utilizada como um veículo para apresentar as justificativas de homens caxienses acerca de ações, cujos nomes estavam envolvidos e sua honra estava em jogo. Por isso, Fabíola Rohden diz-nos que os homens “[...] que não a possuem ou não a buscam são considerados uma ameaça para a comunidade, pois quando perdem o respeito por si próprios e ignoram o valor social que os outros lhes atribuem, colocam-se fora da ordem social estabelecida”¹⁸.

Nessa perspectiva, a autora ainda frisa que existe, por parte do grupo social, uma pressão para que todos se convertam em sujeitos “[...] participantes nas disputas comuns pela honra, consolidando a unidade em questão. Até mesmo os estranhos passam por um processo de tentativa de pessoalização para que possam fazer parte do jogo, já que a honra só entra em operação entre ‘pessoas’ e não entre indivíduos anônimos”¹⁹.

Desse modo, a honra masculina precisa ter, por parte dos demais homens, apoio, visto que seria uma forma pela qual as coisas poderiam ser resolvidas. Nota-se, assim, que era um grupo de homens comungando das premissas da boa conduta com suas ações no meio público.

¹⁷ JORNAL DE CAXIAS, anno 1, n. 30, p. 2, 16 maio 1896. Grifo nosso.

¹⁸ ROHDEN, op. cit., p. 107.

¹⁹ Ibid., p. 107.

Em vista disso, em outro momento, fazendo referência a essas práticas, podemos mencionar o caso do comerciante José Ferreira Guimarães, cujas palavras do jornal Gazeta Caxiense, na coluna *Secção Livre*, chama o mesmo de “honrado e distinto commerciante” da cidade de Caxias. Para o jornal, a injúria e a difamação usadas contra José Guimarães foram maneiras de desonra contra esse “honrado comerciante”.

Não é de hoje que o *Commercio de Caxias* com o esforço e ternidade dignos de melhor causa, procura tisonar a ilibada reputação do honrado e distinto commerciante desta praça, sr. José Ferreira Guimarães.

Parece que foi no desempenho de tão inglória tarefa que expressamente creou uma secção especial – *Cousas de louzas*, onde, sem o menor respeito para com esta sociedade tolerante e paciente, são semanalmente atassalhados os créditos d’aquelle importante cidadão.

Felicamente a victima nada tem perdido, como os agressores nada tem lacrado, porque – estes e aquella – são todos bem conhecidos no meio que vivemos. Em uma dessas investidas, disse o *Commercio* que o sr. Guimarães, como diretor da *Companhia Industrial Caxiense* fizera aprovar ali uma tabella de descontos nos preços dos produtos da fábrica, somente para *inglez ver*; e que na vigência dela vende domésticos mediante descontos arbitrários, muito mais vantajosos para os compradores dando prejuizo notav’ê, aos acionistas e fazendo preponderar em tudo a sua soberana vontade²⁰.

Ao observarmos a maneira como o jornal aponta acerca do ocorrido com José Ferreira Guimarães, lembramos das considerações de Richard Sennett que diz que o “homem público é visto como ator”²¹, que pode suportar um julgo acerca da sua moral, porém, deve ser feito de maneira leve, caso contrário, sua honra será manchada. Sendo assim, os caracteres das ações desses homens deveriam ser mantidos, visto que suas bases estariam ancoradas nos princípios da boa moral e bons costumes.

Devido a tais contextos, Ramon Rodrigues reflete acerca da masculinidade no Piauí, e aponta-nos que o homem considerado verdadeiro deveria deixar a violência, controlando-a indiscriminadamente. Para o autor, “saber controlar o impulso violento diante das situações da vida era atributo do homem viril. Com isso, o homem perde em força física e sobrepõe-se pela força intelectual”²².

Nesse sentido, o autor ainda considera que existam os chamados códigos de credibilidade, ou seja, os elementos que dariam respaldo a esse homem na cena social. Nesse caso, um desses códigos estaria relacionado ao cumprir com suas obrigações como homem no

²⁰ JORNAL GAZETA CAXIENSE, Caxias, anno 9, n. 225, p. 2, 8 jul. 1895. Grifo nosso.

²¹ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 34.

²² RODRIGUES, Ramon Araújo. *Masculinidades e virilidades na literatura de Clodoaldo Freitas*. 2016. Dissertação (Mestrado em História do Brasil)- Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016, p. 75.

espaço da vida pública. A ideia da honestidade no mundo do trabalho seria uma forma de apresentar aos demais cidadãos um perfil aceitável.

Como se percebe, a imprensa tornou-se, por momento, um ringue cuja troca de farpas ficou bastante visível, a ponto de o Padre José Ewerthon Tavares, segundo aponta o Jornal de Caxias, ter que fazer intervenção por causa do intenso número de pedidos de homens caxienses, digladiando-se pela via das palavras em prol de defesa da integridade do seu nome, da sua honra pública.

Nesse ponto, o jornal aponta:

Explicação necessária

Sabe o publico desta que há mezes estão sendo publicados na Gazeta Caxiense, artigos violentos, em linguagem impropria do nosso estado de adiantamento. Muitas pessoas ofendidas nesses artigos procuravam, neste jornal lugar para excererem o direito de represália, mas nós mesmo com prejuízo pecuniário da empresa e incorrendo do desagrado delas, deixamos, por muito tempo de acceder a inúmeras solicitações.

Ultimante, porém chegaram as cousas a tal ponto, foram taes as provocações desabridas quem fomos forçados a abrir nossas columnas ineditoriaes à defesa dos agredidos mormente, depois da publicação do nune da Gazeta em que a provocação attigio a proporções lastimáveis.

Em vista disso, estava o Jornal já composto, contendo dez artigos de publicações solicitadas, quando fomos procurados pelos Revds, vigários e Dr. Dorotheio Dias de Freitas e Padre José Ewerthon Tavares e os sr. Capitão Raimundo Martins de Sousa Ramos, que reunidos em comissão vieram manifestar-nos o empenho que tinham, para que cessassem taes discussões.

Deram-nos os illustres cavalheiros, sob palavra, a segurança de que cessarão de cez as provocações, conforme iam declarar em artigo sob suas assignaturas, para ser publicado no próximo numero da Gazeta Caxiense; em vista do que, e desejando concorrer, por nossa parte, para o restabelecimento da paz, de que sempre aqui gozamos e para cuja alteração nunca fomos os provocadores, não duvidamos intervir, como intervimos para que fossem retirados, por seus autores, os artigos já referidos.

Sempre nos parece que não há menor dessor em ambainhar espada em lutas como esta em que só há vendiso e não póde haver vencedores.

Emfim fazemos votos para que os esforços da digna comissão sejam coroados do êxito mais completo e que jamais tenhamos de lamentar a reprodução de discussões improprias de uma sociedade civilizada²³.

Segundo a perspectiva apontada pelo posicionamento de outros homens, entre eles “figuras santificadas”, como os religiosos acima citados pelo jornal, a dignidade dos bons homens estaria em resolver as coisas com o diálogo, visto comungar com os princípios de uma sociedade de bons princípios e civilizada, ratificado no final do texto.

²³ JORNAL DE CAXIAS, anno 1, n. 31, p. 1, 23 maio 1896.

Outro elemento evidenciado é como as figuras masculinas religiosas, como os próprios representantes das forças policiais, acabam se tornando espelhos, ou seja, modelos de comportamento, principalmente por causa das atitudes de outros homens que mantinham posturas consideradas como inadequadas ao que se pensava como “bons cavalheiros da sociedade caxiense”.

Ainda assim, a preocupação com a conduta dos homens perpassa, aos nossos olhos, como uma prerrogativa que se passava não apenas em discursos presentes na imprensa caxiense, mas também aos demais membros da cidade e segmentos institucionais, como a Igreja e o Estado, este representado pelas forças policiais²⁴.

Nesse compasso, identificamos o posicionamento de outro caxiense, falando sobre as formas como os homens caxienses estavam se comportando diante das divergências existentes entre eles, a partir das brigas textuais publicadas nos jornais da cidade. Desse modo, Rodrigo Octavio Teixeira aponta acerca do comportamento do comerciante Elizalde Moura, que publicava textos difamando a honra do pai de Rodrigo Octavio Teixeira.

Forçado ainda pelos. Elizalde Moura venho a imprensa afim de, por minha vez a chegar também a extremas explicações que não tencionava.

Sabe o público o motivo que, contra minha vontade, me levou a fazer um apelo aos honrados negociantes da praça do Maranhão, senhores Maia Sobinhos & Comp.^a. e pelos antigos que fez publicar o Sr. Elizalde Moura, sabe igualmente o publico, como esse Sr. Fugindo do terreno da questão, terminou a sua serie de banalidades.

Se não fosse um dever do todo homem que preza sua dignidade, repelir os arrebatamentos desses temperamentos que se julgam com direito de insultar aos outros, se acima de nós não tivesse o publico criterioso para jamais sairia de meus hábitos para explicar me com o Sr. Elizalde, Fazendo um apelo aquelles dignos negociantes, jamais tive em vista discutir com esses Sr. Entretanto factos que trouxe ao conhecimento do publico me impeliram a sair firme proposito em que estava.

O ultimo artigo do Sr. Elizalde rezumio-se em provar ao publico que minha formatura não foi tão honrada como me parece, desde que meu Pae para me bacharelar deixou de satisfazer um dos seus mais sagrados deveres, não solvendo em tempo os seus compromissos.

Que singularidade essa Sr. Elizalde!

E para cumulo a tanta paravoice mandou esse Sr. Que eu fosse ao Maranhão e la recorresse aos borradores de alguns negociantes que havia de encontrar o nome de meu Pae estampado!

Eu sabia que o Sr. Elizalde não teria a coragem de dizer que era nos seus borradores, mas que se descobria outros como fonte onde fui buscar dinheiro para minha

²⁴ As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005. p. 149.

formatura, não tinha sobre isto a menor duvida, S.s. esta na mare dos borradores; tudo agora esta em borradores – de Pedro ou de Paulo, de Sancho ou de Martins.

Deixemos, porém, tão inocentes livros e vamos ao artigo do Sr. Elizalde Sabias s.s. que não lhe voto má vontade; as minhas qualidades são tão imprestáveis que não noutro esperança alguma de emprestal-as s.s. Com uma cousa também não posso concordar: é com a mania de querer s.s. possui bons sentimentos, e é este motivo que me arrasta a contestar as suas verdades.

Quando fui para Pernambuco meu Pae era sócio de meu mano Numa Pompilio Teixeira; no anno em que me formei dissolverão elles a sociedade que girava sob a firma de Rodrigo Teixeira & Filho, ficando meu Pae exonerado de qualquer responsabilidade, e meu dito mano cem o activo e passivo da referida sociedade. Em 1894 e 1895 foi que meu Pae recommençou a negociar e nesse tempo já e achava formando e por consequências em condições de manter-me.

Dado, porém que ele deixasse de satisfazer os seus compromissos, devido minha formatura. Deve porisso o meu pergaminho ser considerado sujo? Quero crer que ninguém, a não ser o Sr. Elizalde de hoje pense sim.

O commercio, como sabes só é uma cousa toda aleatória; o negociante, máxime o do sertão de momento para outro pode deixar de satisfazer em tempo os seus compromissos. Estará por isso inhibido de curar da educação de seus filhos – outro dever social sagrado, desde que não conte com o futuro? Na interessante opinião de s.s. nenhum negociante pode formar um filho, e aquelle que em tal asneira cair e por infelicidade deixe de satisfazer os seus compromissos, tornar-se-há um negociante honrado na expressão grifa de s.s Só a lógica do Sr. Elizalde sabe tirar dessas conclusões. Applique pois s.s. o mesmo raciocínio a estas perguntas:

S.s. não tem filho no estudo é um negociante previdente: porque, pois, deixo u, de satisfazer seus pagamentos em tempo?

Porque em liquidação com os Sr.s Maia Sobrinhos aceitou um desconto de oitocentos e tantos mil réis e para pagar o resto passou diversas letras??

Porque s.s. poucos dias depois dessa liquidação pagou na Collectoria de Picos o sello de sua pattente de Tenente Coronel na importância de Reis 326, 700?

Oras, Srs Elizalde, eu julguei que s.s. inteligente como é, não fosse tão rigoroso para commigo, porque quem tem telhado de vidro não atira pedra no vizinho. Não desejava chegar a estas explicações, não obstante s.s. não ter feito apelo a mim, mas...

Olho por olho, dente por dente...

Quanto aos outros tópicos do artigo d s.s. nenhuma resposta me cumpre dar.

Na forma da lei me responsabilizo pela publicação deste.

Rodrigo Octavio Teixeira²⁵

A ideia apresentada em textos como esse, a exemplo do escrito por Rodrigo Octavio Teixeira, exprime o medo dos homens caxienses em se envolver em situações cuja imagem poderia ser representada de maneira indigna aos olhos do restante da sociedade. O crivo social deveria acalentar as ações desses homens de forma positiva. Nessa linha, Dória

²⁵ JORNAL DE CAXIAS, anno 1, n. 28, p. 2-3, 2 maio 1896.

aponta que “[...] um homem honrado que não consegue sustentar seu patrimônio de berço, [...] decai no reconhecimento social e despe-se do natural de sua honra[...]”²⁶.

No caso citado, soma-se ainda a isso que os sujeitos em questão ratificam o papel da imprensa para fazerem uso dos seus serviços para se defenderem das calúnias proferidas em público. Assim, pensando a moral masculina do homem caxiense, podemos acionar as considerações de Sennett, quando este aponta que o caráter é um aspecto acionado para o entendimento desse homem, como sujeito social, principalmente em se tratando da questão da imagem do homem de negócios cujas ações deveriam se manter íntegras.

Segundo Fabíola Rohden, no campo da prática, as pessoas buscam racionalizar os seus atos, no intuito de fabricar uma imagem, o que “[...] valida as suas próprias pretensões de honra, ou seja, estão empregando estratégias conscientes para dar a elas mesmas um código pelo qual orientam suas decisões de vários tipos”²⁷.

O homem, na perspectiva do comentário de Rodrigo Octavio Teixeira, o autor da carta acima citada, deveria ser desenhado com as características do homem honrado, tanto que entre palavras, frases e período, nota-se que o mesmo se propõe em ressaltar tais aspectos, principalmente, quando ele expressa sua característica enquanto homem de princípios, além de frisar a maneira como o seu pai posicionava-se enquanto trabalhador e indivíduo preocupado com a formação dos filhos e da moral deles.

Assim, ainda do ponto de vista dos comentários realizados pelo autor da já referida carta, identificamos como era importante, à luz das práticas masculinas, ressaltar o papel desenvolvido pela figura paterna para suprimir as necessidades dos filhos, como os diversos desdobramentos feitos no sentido de que eles pudessem alcançar seus objetivos, no caso, a própria ideia da formação profissional deste filho.

Considerações Finais

O espaço público, como um espaço propriamente masculino, não é uma novidade na primeira República, muito menos em outras temporalidades históricas, seja no Brasil, ou em outros países da Europa. Desse modo, sendo um espaço pertencente aos homens, configurou-se, desde muito tempo, como um lugar em que as vozes masculinas tinham o privilégio para atuar da maneira como foi orientada.

²⁶ DÓRIA, op. cit., p. 69.

²⁷ ROHDEN, op. cit., p. 111.

É preciso considerar que é uma questão de gênero em que se percebe a exaltação das faculdades intelectuais dos homens em relação à figura feminina, cuja ideia de racionalização era entendida como inferior às figuras masculinas, funcionando quase como uma regra. Em vista dessa questão, ao perceber a representação da figura masculina no espaço público, como sendo algo natural, as suas ações também estiveram por muito tempo identificadas como pertencentes a este espaço. A imagem masculina do homem público alimenta-se por suas ações nesse lugar.

Nesse compasso, ao identificar os lugares e as situações, o campo político foi por muito tempo como um lugar de homens, regido por homens, para cuidarem da família e da própria cidade, que possivelmente iriam comandar, caso fosse o anseio para assumir um cargo político. Um dado bastante salutar para os pretendentes, pois era um lugar que deveria trazer elementos de honradez, princípios exaltados pela sociedade a fim de respaldar a confiança para que ele pudesse assumir o cargo público.

O prestígio social, adquirido pelo homem, era algo que denotava a recepção de festividades e homenagens pelos seus feitos, por isso, percebe-se o quanto o homem que ocupava cargos públicos buscava realizar, neste espaço, feitos de cunho social, visto tais práticas darem a ele prestígio e respeito, tanto por parte dos demais homens quanto pelos demais membros da sociedade.

Tendo consciência dessa complexidade, os discursos constituem dimensões da estrutura social que moldam e representam direta e indiretamente os indivíduos, visto que os homens públicos caxienses buscavam através de notas de jornais, como os citados ao longo texto, revidar com argumentos convincentes sobre sua integridade no espaço social.